

ENTREVISTA: DONALD MELTZER FALA AO FORMAÇÃO*

Formação em Psicanálise: Gostaríamos, em primeiro lugar, que esta entrevista alcançasse a beleza do método descoberto por Freud, como o senhor o descreve no seu livro “A Apreensão do Belo”, ou seja, o método que permite a duas pessoas terem a conversa mais interessante do mundo. Que esta entrevista pudesse se fazer nesse estado de espírito. Assim, começaríamos por lhe pedir que nos falasse sobre o belo do ser humano ou, talvez, sobre a mente e sua relação com a beleza.

Meltzer: A beleza da mente e seu desenvolvimento é um assunto muito individual, extremamente individual; começa com a relação extremamente individual entre o bebê e sua mãe e aí vai abarcando a organização da família gradualmente e também a escola, que representa a extensão da relação familiar.

Nessa relação altamente individual mãe-criança, o bebê está em confronto com a mente extremamente desenvolvida da mãe, o que em toda mãe sã é algo de muita complexidade e beleza. O bebê traz consigo também toda uma carga genética na forma de concepções que também é muito complexo. Essa confrontação entre as concepções do bebê que foram desenvolvidas ao longo de milhares de anos, a carga da mãe, que são as próprias concepções e tudo aquilo que ela desenvolveu na sua experiência de 20, 30 anos de idade, coloca o bebê diante de um objeto de tal beleza mental, na sua capacidade para pensar e para compreender uma emoção, que o bebê dificilmente pode tolerar. Então, o primeiro movimento do bebê nessa intolerância é tentar diminuir o impacto desse objeto estético, fazendo “splitting” do objeto e dele próprio.

* Esta entrevista com o Dr. Donald Meltzer foi realizada em São Paulo pelo Departamento Formação em Psicanálise, em abril de 1996. Participaram da entrevista Armando Colognese Jr., Maria Tereza Scandell Rocco, Suzana Alves Viana e Cecilia Noemi de Camargo. A tradução foi realizada por Maria Tereza Scandell Rocco.

Formação: Por não suportar a beleza? Pela beleza ser algo tão estonteante?

Meltzer: Porque o bebê não pode tolerar o impacto dessa beleza. E assim o objeto é basicamente cindido entre objeto presente e objeto ausente. O bebê divide-se entre o bebê que presta atenção e o bebê que não presta. A parte do bebê que não presta atenção a esse objeto e sua beleza, presta atenção a outras coisas, coisas que tenham menos beleza ou que aparentemente não se impõem como objetos estéticos de beleza.

Formação: Pela beleza ...

Meltzer: ... então, não causam impacto no bebê. E essa cisão fundamental entre essas duas partes que eu já mencionei é uma coisa contínua na vida do bebê, é um conflito contínuo na vida do bebê.

A parte do bebê que presta atenção ao objeto estético está em busca constante de uma intimidade com o objeto. E a outra parte do bebê que procura outros objetos, procura a comunidade.

Então, a primeira parte procura a intimidade da compreensão com esse objeto estético. A segunda parte procura a comunidade no sentido de uma homogeneidade de pensamento e sentimento.

Formação: Seria uma massificação? A comunidade como aquilo que traz um processo de massa *versus* um processo de interioridade e singularidade da intimidade com o objeto estético?

Meltzer: Sim, procura um sentido de comunidade e uma adaptação ao grupo. Essas duas partes estão sempre em tensão entre si. Quando fica mais forte de um lado, enfraquece o outro, quer dizer, existe essa dinâmica. Entre as atividades humanas, as atividades de constituir uma família, as atividades artísticas e científicas, atividades de fazer psicanálise, são aquelas que dizem respeito à relação da pessoa com o objeto estético. E nessas atividades, a preocupação com a adaptação ao grupo diminui essa carga de relação estética. Assim, nesses âmbitos, arte, ciência, psicanálise, as pessoas, ao se associarem para se comunicar sobre suas diferenças e semelhanças, sobre seus sentimentos e pensamentos, enfraquecem o sentimento estético.

E uma mensagem que eu dou para vocês, como membros de um grupo psicanalítico: a preocupação de vocês deveria ser a descoberta e a comunicação das suas diferenças e não das suas semelhanças.

Formação: Por que a intimidade com o estético produz tanto medo? É devido à solidão que produz, em oposição à preocupação com a comunicação?

Meltzer: Em minha opinião é o impacto estético em si que é temido. Eu acho que, em síntese, é o impacto estético que é temido e evitado. Penso que é uma afirmativa muito forte que deveria ser decomposta em outros detalhes, mas, fundamentalmente, é o impacto que é temido e é dele que se foge.

Formação: Pelo seu texto entendemos o senhor nos dizer que as instituições, a comunidade, preparam o homem para ser útil, para a obediência. Nesse sentido, a nossa pergunta seria: como preparar o analista para ser belo?

Meltzer: Na minha opinião, as instituições não podem desempenhar esse tipo de função, só a família pode. Se uma instituição se organizasse verdadeiramente na forma de uma família, ela pode talvez desempenhar isso, mas não é bem assim, nunca se chega a isso. Penso que, no que diz respeito ao desenvolvimento estético, cada indivíduo tem que ser responsável por se desenvolver por si próprio. Se ele puder usar os recursos que uma instituição propicia para desenvolver a sua individualidade, muito bem. Mas, lembro que toda instituição tem, por sua natureza, um caráter conservador e demanda uma obediência.

Formação: É por conta disso que ocorrem tantas cisões em instituições?

Meltzer: Não saberia dizer sobre as cisões em instituições, mas penso que isso faz parte da agressividade e da combatividade naturais em pessoas que tendem a se agrupar. Mas o que costuma aparecer como consequência é que as pessoas se desiludem e abandonam a instituição.

Formação: Nós poderíamos entender a beleza como um conceito ligado ao luto, no sentido da capacidade de ultrapassar o luto, revivendo o amado perdido numa obra de arte, por exemplo?

Meltzer: Acho que Freud não entendeu o luto, Freud via o luto apenas do ponto de vista do egocentrismo e da renúncia das esperanças e expectativas do sujeito em relação ao objeto. O ponto de vista kleiniano, na verdade pós-kleiniano, toma o problema do luto não como uma desistência do mundo externo, mas como uma transferência do mundo externo para o mundo interno. Isso envolve uma transformação de valores estéticos em valores espirituais, o que tem sido a tarefa do pensamento religioso há milênios e que tem sido constantemente sabotado e destruído pelas instituições religiosas.

Formação: E o trabalho psicanalítico, no que ele serve para resgatar o belo?

Meltzer: Esse é o trabalho da análise pessoal. Esse trabalho requereria um analista verdadeiramente envolvido com o método analítico e um paciente verdadeiramente cooperando nesse método. Quando isso é feito, o curso da análise vai gradual e firmemente na direção da posição depressiva e sua evolução costuma ir na direção do que chamamos de desmame, isto é, a desistência da dependência e a transformação do objeto externo num objeto interno. Esse processo, quando desenvolvido verdadeiramente, deveria resultar num desenvolvimento da individualidade, numa grande capacidade de pensar por si próprio, que depende da capacidade de formação autônoma de símbolos e que não está mais na dependência dos símbolos recebidos prontos de outras pessoas. É claro que esse alto grau de desenvolvimento individual não tem nada a ver com a obediência; está em oposição com o grau de obediência. Isso produz a noção de que não há propostas irrecusáveis, e a individualidade supõe que a pessoa possa recusar mesmo com uma arma apontada na sua cabeça. Isso significa que o que se quer impor ao sujeito – a essência da obediência – no sentido de ele submeter à degradação seus objetos, isso pode ser negado.

Formação: O senhor entende o processo analítico como essa constante evolução em direção à posição depressiva. Existiria uma

relação dessa posição depressiva com a diminuição do impacto do belo com a comunidade, ou isso já está formado desde o primeiro contato do bebê com sua mãe?

Meltzer: O limiar da posição depressiva é o ponto, no desenvolvimento, em que começam a se aproximar as duas metades do bebê: o bebê que se relaciona com a ausência da mãe e o bebê que se relaciona com a presença da mãe. O complexo de Édipo já está presente desde o início da vida no mundo externo ou talvez até antes disso: é essencialmente o complexo de Édipo pré-genital. No limiar da posição depressiva, essas duas partes do bebê, que são relacionadas à presença da mãe e à ausência da mãe, despertam o complexo de Édipo genital, que toma forma do conflito sobre a gênese do próximo bebê, e esse conflito a respeito do próximo bebê que requer o desmame. Ao bebê nunca recebeu a demanda de que ele desistisse do seio, a não ser em benefício do próximo bebê.

Formação: Qual é a doença mental desse nosso final de século? De algum modo, nesse pós-modernismo, não estaremos perdendo a tragédia? A nossa cultura não está perdendo o contato com a tragédia, no caso, edípica? Os bebês de proveta e a tecnologia genética avançada não nos trazem o risco de perdermos o trágico e, nesse sentido, o contato com a morte, e conseqüentemente, com o luto do perdido?

Meltzer: Na minha opinião, a tragédia deste fim de século não é fundamentalmente diferente do que sempre tem sido, isto é, a cultura grupal é sempre conservadora e exclusivista, está sempre dedicada a evitar o novo bebê. Um exemplo seriam vocês e suas vidas institucionais. A essência do poder de uma instituição está investida no seu comitê de admissão. Pode estar também investida no comitê de ética, que tem o poder de excluir pessoas desobedientes. As pessoas que procuram o poder político, procuram o poder de excluir. E isso não é possível totalmente, elas não podem realmente evitar o desenvolvimento individual, mas podem evitar que os indivíduos entrem no grupo e também podem excluir indivíduos que entraram no grupo e que se mostraram desobedientes.

A tendência do século XX e do fim do século é que os instrumentos de poder têm se tornado cada vez mais de ordem econômica. Isso vale seja para instituições psicanalíticas, países ou

mercados comuns. E congêneres. E, é claro, isso levanta o problema: por que as pessoas têm tanto medo da pobreza?

Formação: O senhor vê uma relação entre a exclusão e o impacto com o belo?

Meltzer: Retomando o que já expliquei anteriormente, existem as duas partes do bebê, a que presta atenção no objeto estético e a que tira sua atenção do objeto estético e presta atenção em outros objetos.

Formação: Existe uma coerência em pensar que a psicanálise teve uma clínica das neuroses, das psicoses e agora das perversões?

Meltzer: Não. É apenas uma questão de progresso, que aconteceu gradualmente; inclui mais e mais e, eventualmente, espera-se, toda a natureza humana no escopo da competência da psicanálise. É um progresso da psicanálise conseguir manter cada vez mais seu interesse na beleza do objeto, malgrado seus defeitos. E é verdade que a psicanálise tem ampliado o estudo da neurose, psicose, perversões, drogadição, e atingiu um ponto no qual não é correto você dizer que algum caso não é passível de tratamento. Acredito que o método psicanalítico como tem sido desenvolvido é competente para todos os problemas. O método em si é competente, isso não necessariamente se aplica aos indivíduos, àqueles que aplicam o método e àqueles que se submetem ao método. Mas o método é competente para abarcar toda a patologia. Somos obrigados a ver até assassinos em série ("serial killers") como seres humanos.

Formação: Continua pensando, como escreveu em "Os Estados Sexuais da Mente", que perversão seja sadomasoquismo e o resto seja sintoma?

Meltzer: Essa é a marca registrada da perversão, o sadomasoquismo, e em todas as suas variações, que são muitas. A decisão de Freud de que há um masoquismo feminino normal é abominável. Ele nunca disse que havia um sadismo normal masculino.